

A origem do coronavírus no discurso de sites jornalísticos brasileiros em 2023: culpabilização da China em pauta

*Vanda Késsia Gomes Galvão Lacet (UFCEG)**

<https://orcid.org/0000-0001-5298-4249>

*Washington Silva de Farias (UFCEG)***

<https://orcid.org/0000-0003-0749-2469>

Resumo:

Neste artigo, buscamos compreender como a origem do vírus da pandemia de Covid-19 foi significada em sites da Grande Mídia (GM), Mídia Conservadora (MC) e Mídia Alternativa (MA) a partir da análise de três reportagens acerca de um relatório confidencial do Departamento de Energia dos EUA sobre o tema, conforme anunciado na imprensa no início de 2023. Nesse cenário, observamos um funcionamento equívoco de formulações, que coloca em dúvida a origem do coronavírus, se natural ou intencional, abrindo margem à produção de efeitos de sentido de culpabilização da China pela pandemia. Dadas suas diferentes orientações ideológicas e discursivas, os sites jornalísticos selecionados produziram gestos de interpretação distintos acerca do referido relatório e da equivocidade de suas formulações. Desse modo, enquanto os sites da GM e MC, cada um a seu modo, buscam estabilizar o efeito de culpabilização da China, apagando a equivocidade do relatório norte-americano, o site de MA tende a desestabilizar esse efeito, expondo o seu caráter político. Recorrendo a pressupostos e conceitos da Análise de Discurso de orientação pecheutiana, visamos, assim, demonstrar como esses funcionamentos são textualizados nas matérias selecionadas mediante inscrição do discurso jornalístico em posições identificadas com a ciência (“vírus natural”) ou o anticomunismo (“vírus vazado”).

Palavras-chave: Origem da Covid-19; Vírus natural; Vírus vazado; Discurso jornalístico.

* Mestre e Doutoranda em Linguagem e Ensino no Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (PPGLE-UFCEG); graduada em Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e em Letras pela UniCesumar. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7992521989027280>. E-mail: vanda.kessia@estudante.ufcg.edu.br

** Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (PPGLE-UFCEG); doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFCE). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7286804892761462>. Email: washfarias@gmail.com

Abstract:**The origin of coronavirus in the discourse of journalistic websites in 2023: blame of China in the journalistic agenda**

In this article, we seek to understand how the origin of the Covid-19 pandemic virus was signified on websites from Mainstream Media (GM), Conservative Media (MC) and Alternative Media (MA) based on the analysis of three reports about a confidential report of the US Department of Energy about this subject, as announced in the press at the beginning of 2023. In this scenario, we observed an equivocal functioning of formulations, which casts doubt on the origin of the coronavirus, whether natural or intentional, leaving space for the production of effects of sense of blaming China for the pandemic. Because their different ideological and discursive orientations, the selected journalistic websites produced different gestures of interpretation regarding the aforementioned report and the equivocation of its formulations. Thus, while the GM and MC websites, each in their own way, seek to stabilize the effect of blaming China, erasing the equivocation of the North American report, the MA website tends to destabilize this effect, exposing its political character. Using assumptions and concepts from Discourse Analysis with a Pecheutian orientation, we aim to demonstrate how these operations are textualized in the selected articles by inscribing journalistic discourse in positions identified with the science (“natural virus”) or the anti-communism (“leaked virus”).

Keywords: Origin of Covid-19; Natural virus; Leaked virus; Journalistic discourse.

Introdução

Sabe-se que, numa perspectiva técnica, ao jornalismo cabe veicular fatos que sejam de interesse público para informar à população. Todavia, inúmeras teorias e estudos da comunicação se preocupam em compreender os processos envolvidos entre um dado acontecimento na história e os possíveis recortes jornalísticos sobre o ocorrido, em relação ao modo seletivo pelo qual as informações podem chegar ao leitor (Martino, 2021). Nessa perspectiva, uma das pautas internacionais mais importantes e emblemáticas dos últimos anos tem sido a pandemia de covid-19, que também se tornou um fato jornalístico ao ter informações media-

das para a sociedade por meio de diferentes “recortes” noticiosos, especialmente em relação à origem do então novo coronavírus.

No que diz respeito ao tema da “origem da pandemia” e às fontes de informação acerca disso, desde 2020, os Estados Unidos protagonizaram várias investigações mediante a alegação de que a pandemia poderia não ter surgido naturalmente, mas ser consequência de um vazamento em laboratório chinês.

Nesse contexto, em 2023, um relatório norte-americano confidencial elaborado pelo Departamento de Energia dos EUA teve ampla repercussão midiática no Brasil,

a partir de informações oriundas de fontes secundárias, sobretudo jornais dos EUA¹ ou entrevistas isoladas de autoridades do país. Essas informações colocaram em questão pelos menos três aspectos polêmicos ou contraditórios do problema, a saber: 1) a probabilidade da pandemia ter surgido de um acidente em laboratório na China, gerando um efeito de culpabilização sobre o governo chinês; 2) a falta de informações suficientes para afirmar que a pandemia teve origem em um vazamento, o que levava à classificação do relatório como de “baixa confiança”; e 3) a ausência de consenso na inteligência norte-americana no que tange às informações do documento e à origem da pandemia.

Na cobertura jornalística brasileira desse documento, sites da Grande Mídia (GM), Mídia Conservadora (MC) e Mídia Alternativa (MA) produziram gestos de interpretação distintos para o relatório, tendo em vista as diferentes orientações ideológicas desses veículos. Desse modo, efeitos de sentido variados foram produzidos sobre o relatório americano, na tentativa de estabilização ora da culpabilização da China ora de sua defesa.

Na ótica da análise do discurso materialista, esses variados gestos de interpretação decorrem da relação entre língua e ideologia, segundo a qual, conforme explica Pêcheux (1995 [1975], p. 160)²: “o sentido de uma palavra, de uma expressão [...] é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as

palavras, expressões e proposições são produzidas”. Dessa maneira, entendemos que o discurso jornalístico, embora idealmente orientado por princípios de suposta neutralidade e objetividade da informação, não se produz na transparência da relação linguagem/mundo, mas segundo determinações ideológicas e discursivas que envolvem as práticas jornalísticas e os diferentes contextos em que os acontecimentos históricos e sociais se desdobram.

Considerando esse pressuposto, buscamos, neste trabalho³, compreender como a origem do vírus da pandemia de Covid-19 foi significada em sites da GM, MC e MA, tendo em vista a inscrição do discurso jornalístico em posições-sujeito identificadas com a ciência (“vírus natural”) ou com o anticomunismo (“vírus vazado”). Para tanto, analisamos três reportagens acerca do relatório confidencial do Departamento de Energia dos EUA, selecionadas de três sites brasileiros, um de cada segmento de mídia jornalística: CNN Brasil, da GM; Brasil 247, da MA; e Brasil sem Medo, da MC.

Assim, nosso artigo se divide em cinco partes: primeiro temos esta introdução, apresentando os dados básicos do presente estudo. Em seguida, trazemos a fundamentação teórica, discutindo o contexto histórico e geopolítico da pandemia; a natureza da GM, MC e MA; e como os conceitos de memória discursiva (Pêcheux, 1999), posição-sujeito (Pêcheux, 1995) e lugar discursivo (Grigolletto, 2007) ajudam a entender os diferentes discursos desses segmentos midiáticos. Na sequência, tratamos da metodologia, explicando a natureza qualitativa e discursiva do nosso trabalho, além de expor nossos procedimentos analíticos, escolha dos sites e *cor-*

1 LAB Leak Most Likely Origin of Covid-19 Pandemic, Energy Department Now Says. **Wall Street Journal**, 26 fev. 2023. Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/covid-origin-china-lab-leak-807b7b0a>. Acesso em 13 ago. 2023.

2 Publicado originalmente em francês no ano de 1975. Sempre que mencionarmos neste artigo, trata-se da edição traduzida para português em 1995.

3 O artigo traz um recorte da pesquisa de doutorado da primeira autora e tem financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

pus. Após isso, temos a análise, demonstrando o funcionamento do discurso jornalístico sobre as investigações norte-americanas acerca da origem da pandemia. Por fim, trazemos as considerações finais, discorrendo os resultados das análises.

Três anos de pandemia em pauta: o movimento ideológico na produção jornalística

Era dezembro de 2019 quando a covid-19 surgiu como doença de contágio acelerado e alto índice letal, tendo seu primeiro caso oficial registrado entre frequentadores de um mercado de animais em Wuhan, na República Popular da China. Esse país foi então o epicentro da pandemia causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, que pode provocar em humanos infectados uma síndrome respiratória aguda grave.

Desse estopim em diante, a pandemia se tornou um acontecimento histórico e discursivo que impactou muitos países. Por essa razão, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou que a doença tinha *status* de pandemia de 11 de março de 2020 até 05 de maio de 2023, quando a crise sanitária deixou enfim de ser uma Emergência de Global de Saúde, na qual faleceram mais de 7 milhões de pessoas até aquele momento⁴.

Nesse cenário, ao mediar informações sobre este acontecimento para a sociedade, as mídias jornalísticas mobilizaram variados *espaços de memória* para lhe dar legibilidade, entre os quais estão o científico, o político, o religioso, o econômico, etc. Dessa

4 Consideramos aqui o mês de maio de 2023. Por causa das subnotificações, segundo a ONU, é possível que o número real seja em torno de 20 milhões. Fonte: OMS declara que Covid-19 não é mais uma Emergência Global de Saúde. **ONU News**, 05 maio 2023. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2023/05/1813942>. Acesso em 05 maio 2023.

maneira, os gestos de interpretação sobre tal acontecimento no jornalismo representam um jogo de forças para regularização e desregularização da memória, de forma a estabilizar determinados sentidos em detrimento de outros, como os de culpabilização ou defesa da China, por exemplo. Portanto, há na produção do discurso jornalístico uma relação entre acontecimento e memória que não podemos desconsiderar.

Segundo a análise do discurso materialista, a memória discursiva é “um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização...” (Pêcheux, 1999, p. 56), que se desdobra em redes nas quais a legibilidade do acontecimento se estabelece. Isso ocorre a partir de diferentes *formações discursivas* onde são abrigadas as *posições-sujeito* (Pêcheux, 1995), por meio das quais os sujeitos se posicionam no discurso para significar. Nesse contexto, assumimos que, em relação à pauta da origem da pandemia de Covid-19, as distintas *formações discursivas* implicadas nas práticas jornalísticas abrigaram (entre outras) *posições-sujeito* tanto de identificação com a *ciência* quanto de identificação com o *anticomunismo*, sendo a primeira a que comporta formulações do coronavírus como surgido naturalmente, e a segunda tendo as formulações do coronavírus como vazado.

Dessa forma, a partir da cobertura jornalística brasileira no ambiente digital acerca da pandemia, este artigo busca analisar discursos produzidos por veículos presentes na internet, ligados a, pelo menos, três segmentos de mídia⁵: a chamada Grande Mídia

5 Tais segmentos não esgotam a possibilidade de categorização do imenso campo discursivo das mídias jornalísticas, que abarca portais lançados quase todo dia, principalmente devido à facilidade logística e baixo custo que a internet possui para isso. Nossa caracterização relativa aos três

(GM); relacionada aos grandes conglomerados de comunicação; a Mídia Conservadora (MC), que compreende portais independentes ou de pequenos conglomerados filiados a uma visão de mundo neoliberal, conservadora e de direita; e a Mídia Alternativa (MA), à qual pertencem os veículos também independentes, mas de orientação progressistas.

Em relação à caracterização desses segmentos, os três se configuram, dos pontos de vista histórico, social e político, assumindo posicionamentos distintos em relação às agendas da política, religião, economia, cultura, etc., ainda que existam identificações ideológicas entre eles em alguns aspectos. Nesse contexto, de forma geral, a GM guia-se pela projeção profissional de objetividade jornalística, que é afetada pelo neoliberalismo; a MA, por outro lado, tende a articular seus posicionamentos políticos progressistas para significar as informações que veicula; enquanto a MC costuma pautar-se por uma agenda “informativa” de direita, assumida em suas produções ou na maneira como se apresentam ao público em seus veículos.

Especificamente em relação à GM, segundo as reflexões de Becker (2009), os grandes conglomerados de comunicação no Brasil se constituem como uma prática jornalística empresarial poderosa desde seu nascimento, que se deu entre a fase de colonização e no início do processo da independência do país. Nessa época, inclusive, a autora pondera sobre a existência de um foco conservador de atuação midiática em relação à abolição da escravatura e à mudança do país do status de colônia portuguesa para república. Becker explica ainda que a aliança da imprensa com elites locais conduzia o jornalis-

segmentos se dá em função do que predomina neles no contexto da pandemia de Covid-19 e de um recorte representativo que seria possível analisar para este artigo.

mo daquele período de origem da GM para uma agenda de orientação liberal, na qual a defesa dos “cidadãos” significava a defesa dos comerciantes, vindo daí o entendimento da natureza empresarial do segmento.

Ao descrever a origem da imprensa no Brasil, o historiador Sodré (1994) também explica a relação de poder social dos jornais pioneiros no Brasil, a exemplo da Gazeta do Rio de Janeiro, criado em 1808, que era financiado pela Coroa Portuguesa. Assim, podemos entender um pouco das condições de produção implicadas no tal “foco conservador” em veículos da GM no período pré-independência: o interesse da monarquia.

Percebe-se, portanto, uma tendência originária da GM para atuar em defesa de interesses econômicos de determinados grupos, que podem variar de veículo para veículo em diferentes épocas e não é igual em toda a GM, mas que se mantém ao longo da história desse segmento midiático no Brasil.

Atualmente, então, a GM é denominada de muitas formas pelos teóricos que tratam dos poderosos conglomerados de comunicação: grande mídia (D’Ancona, 2018), mídias convencionais (Machado, 2002), imprensa tradicional (Dela-Silva, 2020), jornalismo empresarial (Becker, 2009), etc., e todos costumam apontar a natureza empresarial do segmento.

A GM também se rege pelo ideal de mediadora social da verdade objetiva, neutra e informativa dos fatos, o que supõe uma relação transparente entre tais fatos e a informação sobre eles, como se o sujeito jornalista fosse capaz de tratar fatos com objetividade e neutralidade: “[...] a neutralidade desses sujeitos é uma exigência para que seu discurso seja fiel à realidade, e só a ela. Em outras palavras, a objetividade exige a neutralização ou suspensão do sujeito para que a verdade se apresente” (Biroli; Miguel,

2017, local. 1047-1048). Apesar dessa objetividade ser questionada e constantemente debatida na academia exatamente por ela ser um ideal e não uma realidade, Biroli e Miguel (2017) explicam que esse parâmetro ainda é central nas redações jornalísticas mundo afora. No entanto, apesar dessa pretensão de objetividade, a GM, atualmente, enuncia a partir de uma *formação ideológica e discursiva jornalística neoliberal* cujo funcionamento, obviamente, indica que a transparência dos fatos nela objetivada é apenas uma projeção imaginária e não a realidade.

Para nos ajudar na reflexão sobre como se estrutura a produção jornalística da GM, ressaltamos que, embora pensasse o contexto das comunicações em massa na televisão, o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1997) problematizava a disputa por audiência, segundo aspectos que também entendemos afetar a internet. Nessa perspectiva, a informação também seria uma mercadoria e existiria num cenário estrutural de pressões que afetam a prática jornalística (e também são por ela afetadas).

O universo do jornalismo é um campo, mas que está sob a pressão do campo econômico por intermédio do índice de audiência. E esse campo muito heterônomo, muito fortemente sujeito às pressões comerciais, exerce, ele próprio, uma pressão sobre todos os outros campos, enquanto estrutura (Bourdieu, 1997, p.77).

Nessa perspectiva, o fazer jornalístico como mercadoria ou produto também foi objeto de discussão de Marcondes Filho (2000), quando o autor descreveu o que ele chama de quarta fase do jornalismo, a da era da tecnologia, a partir dos anos 1970. Nesse período, com a informatização das redações jornalísticas, o teórico aponta uma tendência de “triturar os fatos – inclusive as análises – transformando-os em um produto”

(Marcondes Filho, 2000, p. 37). Esse triturar refere-se aos processos acelerados de produção *online*, que transformou conteúdos e técnicas nas redações, deixando algumas coberturas superficiais devido à rapidez que a modernidade proporcionou.

Cabe destacar, todavia, que esses fatores de produção célere, lógica de mercado e pressão econômica funcionam diferente nos três tipos de mídia que trabalhamos, porque os veículos independentes (progressistas e conservadores) possuem naturezas, públicos e condições de produção distintas da GM.

No caso da mídia conservadora, em sua configuração no cenário brasileiro recente, ela tem relação com o surgimento de uma nova direita no Brasil na última década e os interesses políticos dela. Conforme Prado (2021), essas mídias proliferaram a partir do sentimento “anti-pt”⁶, que foi um dos principais pontos de conexão entre os “pensadores” que fizeram explodir aquele movimento no Brasil, entre os quais está Olavo de Carvalho, autodenominado filósofo e importante mentor do site Brasil sem medo, um dos analisados neste artigo.

Sendo Olavo de Carvalho uma figura influente da direita brasileira contemporânea, Prado (2021) explica que partiu dele, em 2014, a indicação de Jair Bolsonaro como um nome para representar aquele segmento político e criar uma militância conservadora. Nessa perspectiva, a pesquisadora constata também que uma “olavização” nas redes sociais fomentou o bolsonarismo, estando na base da criação de sites de notícias conservadores e de outras formas de mídia digital ligadas a uma direita política mais radical. Prado observa ainda que o imaginário

⁶ Referente ao Partido dos Trabalhadores (PT), de esquerda, que ocupou a presidência do Brasil durante os Governos de Lula (2013-2011 e 2023-2026) e Dilma (2011-2016).

rio desse movimento se guia por um tipo de uma “guerra cultural” contra o que chamam de “marxismo cultural”, que compreendemos estar vinculado ao fato da direita se filiar a uma *posição-sujeito anticomunista*.

Pinheiro-Machado e Freixo (2019) também investigaram esse contexto político da nova direita brasileira e lembram que os movimentos conhecidos como “Vem pra Rua”, de junho de 2013, no Governo Dilma Rousseff, tiveram suas memórias disputadas e instrumentalizadas pela direita no cenário político nacional. Os autores destacam ainda que a direita teve um aliado decisivo: as mídias do campo religioso ligadas ao bispo Edir Macedo e à Igreja Universal, além de lideranças neopentecostais.

Sobre isso, uma pesquisadora que estuda essas mídias conservadoras, especificamente as de origem evangélica, é a professora Magali Cunha, que defende a existência de um *neoconservadorismo* em curso, que não é isolado, mas “parte de contexto de fortalecimento de posturas conservadoras na esfera política brasileira em geral” (Cunha, 2019, p. 99).

Com relação aos dois segmentos contextualizados até aqui, é pertinente mencionar que um ponto de encontro entre GM e MC no âmbito da política é a posição anticomunista, pela qual o comunismo é representado como uma ameaça à sociedade. A propósito disso, Mariani (1996) investigou o funcionamento do discurso jornalístico brasileiro dos grandes conglomerados sobre o Partido Comunista do Brasil (PCB) entre 1922 e 1989. Nessa pesquisa, a autora identificou a projeção do comunista como outro, inimigo, ameaça, algo que também ocorre na MC.

7 Teoria da conspiração de direita, difundida no Brasil por Olavo de Carvalho, que aponta o marxismo cultural como um movimento de esquerda que trabalha para promover ideais comunistas por meio da cultura e da academia.

Já no que diz respeito às diferenças entre esses segmentos, a GM não assume posicionamentos explícitos e militantes quanto a questões ideológicas de natureza moral ou religiosa, o que é um traço forte da MC. Na conjuntura da pandemia de Covid-19, os próprios veículos da MC e GM expuseram suas diferenças ao se criticarem entre si. Em geral, há confrontos de sentidos entre veículos de MC e da GM quando aqueles citam estes abertamente. O mesmo ocorre entre MA e MC⁸.

A MA surge como “alternativa” de jornalismo, opção de informação, em relação aos grandes conglomerados já durante o Brasil Império. Nesse contexto, Becker (2009) explica que enquanto existia uma “imprensa-empresa”, a GM, também havia uma “imprensa-operária”, a MA, que se posicionava politicamente, e tinha natureza reivindicatória, ligada aos trabalhadores brasileiros da época, em busca de seus direitos. Essa perspectiva histórica do surgimento das MAs converge com a descrição contemporânea de Castells (2017) sobre as relações entre o poder das mídias tradicionais e o contrapoder das mídias alternativas na dinâmica das comunicações modernas, de forma que os veículos da MA seguem uma produção jornalística que faz frente à “objetividade” da GM.

8 Agência Pública (MA) fala do Pleno News (MC): disponível aqui: <https://apublica.org/2020/08/grupo-de-midia-evangelica-que-pertence-a-senador-bolsonarista-e-um-dos-que-mais-dissemina-desinformacao-afirmam-pesquisadores/>. Carta Capital (MA) e Aos fatos (GM) também repercutem aqui: <https://www.cartacapital.com.br/carta-capital/grupo-de-midia-de-senador-bolsonarista-e-um-dos-que-mais-dissemina-fakenews/> Acesso em 12 maio. 2023, e aqui: <https://www.aosfatos.org/noticias/sites-duvidosos-usam-recursos-do-jornalismo-declaratorio-para-simular-profissionalismo/>. Acesso em 12 maio. 2023.

[...] fica evidente, em primeiro lugar, a condição de contraponto construída pela Mídia Alternativa, desde os primórdios do Brasil imperial, como um “jornalismo de posição”, contra um jornalismo que se diz “informativo”, ou seja, “neutro”, “objetivo”, seguidor do modelo norte-americano (Becker, 2009, p. 284).

Para pensarmos sobre a hegemonia da GM e a oposição da MA enquanto modo alternativo de produzir informação, cabe refletir acerca do que Castells (2017) argumenta sobre o poder na sociedade ser perpassado pelo controle da comunicação e da informação. Esteja num aspecto macro, nas mãos dos governos ou das grandes corporações de mídia, ou num aspecto micro, controlado por outras organizações da sociedade, o poder depende do controle da informação e o contrapoder representa uma forma de resistência a isto. No contexto da internet, o autor é otimista em defender que há maiores espaços de contrapoder para vozes não hegemônicas, numa comunicação mais livre, que entendemos abarcar a MA:

Ademais, mesmo que o universo da internet seja construído em torno do poder dos grandes conglomerados empresariais e seja, de alguma forma regulado pelos governos, ele permanece sendo, de fato, um modo de comunicação muito distinto, caracterizado pela considerável autonomia dos sujeitos comunicantes em relação aos donos e reguladores da infraestrutura de comunicação. Isso acontece porque as tecnologias de redes digitais permitem que indivíduos e organizações gerem seus próprios conteúdos e mensagens e os distribuam no ciberespaço, evitando amplamente o controle de corporações e burocracias (Castells, 2017, p. 30). Ainda que haja uma boa perspectiva de comunicações não centralizadas existentes no ciberespaço, o teórico também mostra que

os grandes conglomerados empresariais em suas redes de negócios de multimídia globais se adaptaram ao meio digital, migrando o que antes era apenas TV, rádio e mídia impressa para novos formatos online, com sistemas de comunicação híbridos em diferentes formatos. Logo, apesar de existir visibilidade para a comunicação independente, a GM permanece forte no ambiente online, ainda que já não tão hegemônica, uma vez que outros segmentos, como o da MA, ganham espaço.

Acerca das mídias alternativas, embora nem todas iniciem atividades de maneira vinculada diretamente a movimentos trabalhistas, elas tendem predominantemente a dar voz aos movimentos sociais contemporâneos e recebem diferentes designações. Peruzo (2008) explica que, além da identificação como alternativa, essa mídia também é reconhecida como tendo uma natureza popular e comunitária, representando reivindicações democráticas para a sociedade e possuindo um conteúdo crítico-emancipador. “É um instrumento político das classes subalternas para externar sua concepção de mundo, seu anseio e compromisso na construção de uma sociedade igualitária e socialmente justa” (Peruzo, 2008, p. 370). Já Downing (2002) refere-se a essa mídia como alternativa radical, por seu viés de resistência enquanto “formas de expressão das culturas populares e de oposição” (Downing, 2002, p. 33).

Sobre os registros históricos da constituição do segmento alternativo, Woitowicz (2009) pondera que, embora eles estejam dispersos atualmente, é inegável a influência dessa mídia na resistência e combate à censura e repressão no Brasil, a exemplo dos primeiros jornais operários e da atuação da MA contra a ditadura militar. Dessa forma, ao longo de sua história, a MA foi se consoli-

dando enquanto um tipo de mídia associada aos movimentos sociais, ao combate às desigualdades e tendo foco em pautas progressistas. Isto pode ser observado na cobertura jornalística dos veículos de MA sobre a pandemia de covid-19, que deram espaço para temas silenciados na GM e na MC, a exemplo da politização anti-China nas posições norte-americanas sobre a pandemia.

No que diz respeito a essas adesões midiáticas, não podemos esquecer que os conflitos diplomáticos entre EUA e China fazem parte de um contexto geopolítico mais complexo do que o que se apresenta na origem do coronavírus, pois, no âmbito político internacional, esses países possuem concorrências econômicas e divergências ideológicas antigas. Sendo assim, essas questões repercutem nos discursos jornalísticos que aderem a ideologias de um lado ou outro, e, dessa forma, os sentidos sustentados por ambas as nações podem ser (des)regularizados na GM, MC e MA de acordo com as filiações ideológicas desses segmentos.

Os segmentos de mídia da GM, MC e MA, portanto, produzem sentido de maneiras divergentes ao veicularem informações sobre o relatório confidencial do Departamento de Energia dos Estados Unidos. Alguns sites, por exemplo, abriram margem à produção de efeitos de sentido de culpabilização da China pela pandemia, enquanto outros desestabilizavam esse efeito, ao expor o caráter político e as fragilidades científicas das investigações norte-americanas. Por isso, chamou nossa atenção a circulação-confronto de formulações com respeito à origem do vírus, nos diferentes posicionamentos da GM, MC e MA ao se manifestarem sobre o assunto.

Aqui, entendemos por circulação-confronto o que Pêcheux (2008 [1998])⁹ de-

⁹ Publicado originalmente em inglês em 1998 pela

fende como aquilo que trabalha a opacidade de um acontecimento discursivo, no jogo oblíquo dos enunciados que parecem ser unívocos mas não são. Nesse sentido, apesar de tratarem do mesmo assunto (o relatório do Departamento de energia dos EUA), a depender da mídia, o enfoque foi diferente. Isto também está relacionado aos lugares discursivos dos quais essas mídias enunciam, porque eles indicam como as posições-sujeito se organizam dentro das FDs.

De acordo com Grigoletto (2007), o lugar discursivo se constitui mutuamente com o lugar social (espaço empírico condicionado pelas formações ideológicas), que é afetado pelas relações de poder na sociedade:

[...] o lugar social que o sujeito ocupa numa determinada formação social e ideológica, que está afetada pelas relações de poder, vai determinar o seu lugar discursivo, através do movimento da forma-sujeito e da própria formação discursiva com a qual o sujeito se identifica (Grigoletto, 2007, p. 128).

Grigoletto (2007) também define que este lugar discursivo está no entremeio do lugar social, da forma-sujeito e da posição-sujeito, demonstrando como ocorre a identificação, constituição e formulação do discurso que irá circular em dado espaço:

Assim, a relação do sujeito enunciator com o sujeito do saber, e, conseqüentemente, com a posição-sujeito é deslocada para as relações de identificação/determinação do lugar discursivo tanto com a forma-sujeito histórica (ordem da constituição / do interdiscurso), quanto com a posição-sujeito (ordem da formulação / do intradiscurso) (Grigoletto, 2007, p. 129).

Desse modo, ao analisar um *corpus* no âmbito do Discurso de Divulgação Científica, que também lida com jornalismo e ciên-

Illinois University Press. Sempre que mencionarmos nesta tese, trata-se da edição traduzida para português em 2008 pela Pontes Editores.

cia, a autora estabelece o conceito de lugar discursivo, compreendendo que ele também pode abrigar e se relacionar de vários modos com distintas posições-sujeito. No exemplo trabalhado por ela, foi discutido o lugar discursivo de jornalista científico e de editor, ambos se articulando mediante posições-sujeito de *aderência ao discurso da ciência e aderência ao discurso do cotidiano*, fazendo com que os discursos desses textos jornalísticos tivessem dados sentidos ligados à ciência, na ordem do científico, e outros ligados ao leitor, na ordem do senso comum:

A diferença nessas duas posições está, sobretudo, no modo como o jornalista se aproxima do leitor ou do cientista. Ou seja, enquanto, na posição de aderência ao discurso científico, o jornalista produz um efeito de transferência do dizer do cientista, na posição de aderência ao discurso do cotidiano, o jornalista produz um efeito de aproximação do leitor (Grigoletto, 2007, p. 133).

Entendendo, então, que as relações de poder influenciam os lugares discursivos pelos quais as mídias enunciaram a pandemia de COVID-19, recorreremos à discussão sobre poder e contrapoder de Castells (2017) para enfatizar que as mídias jornalísticas representam perspectivas ideológicas que podem se confrontar. Considerando tais especificidades, portanto, compreendemos que a GM enuncia a partir de *um lugar discursivo de jornalismo "informativo"*, produzindo sentidos sobre os acontecimentos sob a aparência de neutralidade da informação; a MC enuncia a partir de *um lugar discursivo de jornalismo militante de viés neoconservador*, estando a produção da sua informação orientada pelas determinações político-ideológicas desse lugar; e a MA enuncia a partir de *um lugar discursivo de jornalismo militante de viés progressista*,

sendo a informação produzida sob as determinações desse viés político-ideológico. No contexto da pandemia, esses lugares afetam o modo como os sujeitos jornalistas se relacionam com posições-sujeito em que estão em efeitos de identificação com a ciência ou com o anticomunismo.

Discursos enunciados pela *posição-sujeito identificada com a ciência* tendem a focar nos dados dominantes do conhecimento científico, segundo o qual o coronavírus teve origem natural; entretanto, nessa posição são produzidos efeitos de sentido tanto de culpabilização quanto de defesa da China, a depender dos lugares discursivos implicados nas mídias em questão. Já os discursos enunciados pela *posição-sujeito identificada com o anticomunismo* tendem aos efeitos de culpabilização da China, sob o efeito de estabilização e regularização desses sentidos, ao responsabilizar o governo chinês pela pandemia, por exemplo, projetando a China como uma ameaça.

Procedimentos metodológicos

O presente artigo se propõe a fazer uma análise discursiva segundo a abordagem materialista pecheutiana do discurso, para compreender como sites da GM, MC e MA significaram a responsabilização pela origem da pandemia de Covid-19, filiando-se de diferentes modos à *posição-sujeito identificada com a ciência* e à *posição-sujeito identificada com o anticomunismo*.

Trabalhamos com um *corpus* de arquivo (Courtine, 2014), de natureza documental, composto de materiais existentes dos gêneros notícia e reportagem, veiculados em três portais nacionais da GM, MC e MA em 2023.

A constituição do *corpus* da pesquisa se deu em duas etapas: primeiro, escolhemos quais veículos trabalhar; e, segundo, selecionamos as notícias e reportagens sobre o

relatório norte-americano de 2023 acerca da origem da pandemia.

Na primeira fase, pelos critérios estabelecidos, buscamos sites brasileiros que cresceram na internet na última década, tentando abarcar portais com tempo de existência e quantidade de seguidores variados nas redes sociais. Observamos também nas autodescrições dos sites as identificações deles com determinadas filiações ideológicas em relação a um dos três tipos de veículos de mídia que analisamos. Buscando checar se seus posicionamentos ideológicos eram diferentes, ainda que fossem do mesmo segmento. Por fim, levamos em consideração o modo pelo qual esses veículos se posicionavam na cobertura da pandemia.

Nesse levantamento, chegamos a 65 veículos: 26 da GM, 23 da MC e 16 da MA. Destes, elegemos três como objetos de análise neste artigo: CNN Brasil, da GM; Brasil sem Medo, da MC; e Brasil 247, da MA.

Após a seleção dos sites, partimos para a segunda fase da constituição do *corpus*, visando a gerar nosso material de análise. Para isso, as notícias e reportagens foram buscadas tanto no mecanismo de pesquisa do *google* quanto dos próprios sites, por meio das palavras-chave: *pandemia*, *covid-19*, *origem do coronavírus*, *Organização Mundial de Saúde*, *Relatório dos EUA*. Em seguida, fizemos a seleção e montagem das sequências discursivas (SDs) a partir de formulações acerca da origem do coronavírus em circulação-confronto nos sites selecionados.

Para este trabalho, estabelecemos três recortes discursivos correspondentes a três reportagens acerca da divulgação do relatório do Departamento de Energia dos EUA. Na apresentação desses recortes, especificamos a que site e segmento de mídia se referem, indicando como SDs os trechos re-

presentativos das regularidades discursivas identificadas.

Coronavírus como vírus natural e como vírus vazado

A primeira reportagem¹⁰ analisada foi selecionada no site da CNN Brasil, portal vinculado à GM, numa publicação que se deu na editoria de saúde, em 26 de fevereiro de 2023:

RECORTE 1: REPORTAGEM DA CNN BRASIL (GM)

SD1: *Agência dos EUA* agora avalia que pandemia *surgiu* de vazamento em laboratório

SD2: O *Departamento de Energia dos Estados Unidos* mudou seu posicionamento sobre a origem da pandemia de Covid-19 e avalia, agora, que o vírus se espalhou *provavelmente* a partir de um vazamento *acidental* em um laboratório de Wuhan, na China. A informação consta em um *relatório de inteligência confidencial* recentemente fornecido à *Casa Branca* e aos principais membros do Congresso. [...]

SD3: O novo relatório destaca como *diferentes partes da comunidade de inteligência* chegaram a *juízos díspares* sobre a origem da pandemia. O *Departamento de Energia* agora se junta ao *Departamento Federal de Investigação (FBI, na sigla em inglês)* ao dizer que o vírus *provavelmente* se espalhou por um acidente em um laboratório chinês. *Quatro outras agências*, juntamente com um *painel nacional de inteligência*, ainda julgam que foi *provavelmente* o resultado de uma *transmissão natural*; duas estão indecisas. [...]

A comunidade de *inteligência dos EUA* é composta por *18 agências*, incluindo escritórios nos departamentos de Energia, Estado e

10 AGÊNCIA dos EUA agora avalia que pandemia surgiu de vazamento em laboratório. **CNN Brasil**, São Paulo, 26 fev. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/agencias-dos-eua-agora-avalia-que-pandemia-surgiu-de-vazamento-em-laboratorio/>. (grifo nosso)

Tesouro. *Oito deles* participaram da revisão das origens da Covid-19 junto com o *Conselho Nacional de Inteligência*.

SD4: A conclusão do *Departamento de Energia* é relevante porque a *agência possui considerável conhecimento científico* e supervisiona uma *rede de laboratórios nacionais dos EUA*. No entanto, o departamento fez seu julgamento com *“baixa confiança”* de acordo com pessoas que leram o relatório confidencial. Já o *FBI*, que havia chegado à mesma conclusão antes, tem *“confiança moderada”* nesta visão. [...]

(grifos em itálico são nossos)

De acordo com o recorte 1, a significação da origem do coronavírus ocorre de uma maneira que corrobora efeitos de culpabilização da China porque as informações de mais destaque na publicação estabilizam esse sentido. Isso pode ser visto quando a CNN sugere haver “agora” uma certeza quanto ao vazamento do vírus (conforme SD1) e apaga vestígios de ser esta apenas uma probabilidade (conforme SD2), segundo indicada no documento norte-americano.

Apesar da posição equívoca do relatório (incerteza quanto ao vazamento do vírus) ser enunciada ao longo da matéria de forma secundária nas SDs 3 e 4, o foco do que é informado não é a incerteza das conclusões dos EUA, mas a perspectiva de que a própria elaboração do relatório foi importante, uma vez que o departamento tem “considerável conhecimento científico”. Ou seja, o site aciona saberes do campo científico, enunciando de uma *posição-sujeito identificada com a ciência*, para projetar sua “neutralidade” informativa e tentar silenciar que há uma politização em sua maneira de eleger o fato a noticiar. Assim, contraditoriamente, divulga-se o documento como algo que merece crédito, apesar dele possuir baixa confiança institucional.

Diante dessas constatações, entendemos que mesmo este veículo da GM enunciando pela *posição-sujeito identificada com a ciência*, ao mobilizar o espaço de memória científico quando diz que o documento dos EUA é importante, ele o faz culpando a China de maneira implícita quando elege como científico o que não tem base científica suficiente.

Conforme lemos na reportagem, identificamos que o título (SD1) representa um efeito de sentido contraditório diante do que se apresenta em várias materialidades textuais da publicação, como a SD2, por exemplo. Enquanto a SD1 indica efeitos certeza e intenção ao usar a expressão “surgiu de vazamento”, a SD2 textualiza efeitos de incerteza e acidente, já que “*provavelmente* a partir de um vazamento *acidental*”. Ambas, no entanto, dirigem a interpretação para efeitos de culpabilização da China, seja na provocação do vazamento ou na negligência do acidente.

A SD4 também apresenta uma sobreposição do discurso político em relação ao científico, quando se sugere a autoridade dos norte-americanos em determinar a origem do coronavírus. Isso pode ser visto na constante referência do recorte 1 à liderança dos EUA nas menções ao “Departamento de Energia”, “FBI”, “Casa Branca” e “Conselho Nacional de Inteligência”.

Ademais, mesmo em outro relatório mencionado, o do FBI, que tem a mesma conclusão do Departamento de Energia e apresenta “confiança moderada”, também não é afirmado o efeito de certeza que a CNN traz no título da reportagem (surgiu), de forma que a conclusão dos EUA sobre um provável vazamento do coronavírus segue sendo incerto. Portanto, o vazamento é uma teoria inconclusiva e que não é consenso, apesar desta não ser a informação apresentada no título da matéria.

Assim, o gesto de interpretação da CNN sobre o relatório do Departamento de Energia dos EUA, sob a aparência de um discurso neutro, que se trata apenas uma projeção, é que o vírus pode sim ter sido vazado. Isto é, a CNN se alinha à posição norte-americana de culpabilização da China.

No segundo segmento jornalístico analisado temos o recorte 2, que compreende uma reportagem do site Brasil sem medo¹¹, da MC, cuja publicação foi em 1 de março de 2023:

RECORTE 2: REPORTAGEM DO BRASIL SEM MEDO (MC)

SD5: Origem da covid-19, agora admitida, foi considerada falsa por checadores

SD6: Alguns dos *sites acusados de “fake news”* pelos checadores viraram alvos de *campanhas de boicote* e entraram no radar da Justiça por oferecer uma *visão diferente da narrativa oficial*.

SD7: Depois de quase *três anos atacando sites e jornalistas* que falavam sobre as *suspeitas da verdadeira origem do vírus chinês*, os *checadores* passaram a noticiar, nesta semana, um *relatório oficial em que o Departamento de Energia dos Estados Unidos reconhece* que a pandemia covid-19 *“provavelmente” surgiu* a partir de um vazamento de laboratório chinês em Wuhan, na China.

Antes de virar *ex-fake news*, a informação foi classificada pelo *consórcio da grande mídia* como *“teoria da conspiração”, “desinformação”, “mentira”, “distorção” e “informação falsa”*. [...]

SD8: Esta semana, sem citar as próprias checagens ou mencionar eventuais prejuízos morais e financeiros aos sites acusados de *“fake news”*, *todos os “jornais*

checadores” que integram o consórcio de mídia - que passou a cancelar ou cancelar determinadas notícias e opiniões no Brasil - *estamparam as manchetes com a conclusão* do relatório emitido pelo Departamento de Energia dos Estados Unidos. [...]

(grifos em itálico são nossos)

Tal como no recorte 1, da CNN Brasil, o recorte 2 significa a origem do coronavírus estabilizando efeitos de culpabilização da China. Identificamos isso quando o site Brasil sem Medo apresenta a informação principal no título do post, na SD5, como algo que é certo e *admitido*, produzindo um efeito de sentido de certeza para o vazamento do coronavírus em laboratório chinês, enquanto algo comprovado.

O site, então, filiado a uma posição-sujeito identificada com o anticomunismo, busca estabilizar, pelo menos, três efeitos de sentido principais: 1) o de defesa da MC; 2) o de ataque à grande mídia; e 3) o de endosso ao relatório dos EUA contra a China,

Quanto ao primeiro efeito, ele é textualizado na SD6, quando o veículo faz referência aos *“sites acusados de ‘fake news’”*, que são da MC. O Brasil sem Medo também afirma que tais portais ofereciam *“uma visão diferente da narrativa oficial”*, que é a científica, na qual a origem do vírus é natural, mas agora teria sido refutada pelo documento dos EUA.

O segundo efeito, de ataque à GM, aparece nas SDs 5, 7 e 8 na referência aos *“checadores”* de notícia criticados, que são da GM, e na menção ao *“consórcio da grande mídia”* como o segmento que já tratou o vazamento do vírus como teoria da conspiração, citando a GM diretamente. Nas três ocasiões, há um efeito de descredibilização da GM.

Já o terceiro efeito, de endosso ao relatório norte-americano, está presente nas

11 ORIGEM da covid-19, agora admitida, foi considerada falsa por checadores. Brasil sem Medo, [s.l.], 01 mar 2023. Disponível em: <https://brasilsemmedo.com/checadores-atacam-sites-e-jornalistas-que-falaram-sobre-origem-da-covid-agora-confirmada/>. Acesso em 30 mai. 2023.

SDs 7. Na SD7, o advérbio provavelmente é o ponto de equívoco do efeito de estabilização do sentido de “vírus vazado”, e está registrado entre aspas para direcionar a outro efeito, sugerindo ironia sobre o próprio sentido de incerteza das conclusões do Departamento de Energia dos EUA. Isso parece ocorrer tendo em vista a estabilização da certeza de culpa da China pela pandemia. Dessa forma, silencia-se a falta de consenso nas agências norte-americanas e ironiza-se a equivocidade do relatório.

Confrontando os efeitos de sentido de certeza do vazamento identificados na GM e MC, o último segmento jornalístico estudado neste artigo é a MA, por meio de uma reportagem do site Brasil 247¹², publicada em 27 de março de 2023:

RECORTE 3: REPORTAGEM DO BRASIL 247 (MA)

SD9: *EUA tentam mais uma vez culpar a China pela Covid-19*

SD10: *Contudo, o rastreamento da origem do novo coronavírus é uma questão científica. A parte estadunidense não deve politizar o tema, diz a mídia chinesa*

SD11: [...] o jornal Wall Street Journal publicou uma reportagem, dizendo que o Departamento de Energia do país ofereceu um relatório secreto para a Casa Branca e o Congresso, segundo o qual, o vírus da Covid-19 poderia ter vazado de um laboratório da China. Outros veículos de imprensa rapidamente seguiram o “hype” em uníssono. [...]

SD12: No entanto, o New York Times citou palavras de um funcionário que conhece a situação, dizendo que o próprio Departamento de Energia qualificou o relatório como um documento de baixa credibilidade

porque as *informações não seriam suficientes para acusar os chineses.*

(grifos em itálico são nossos)

A partir da materialidade da reportagem 3, entendemos que, em veículos da MA, quando o relatório dos EUA é noticiado, tal informação circula com o efeito de sentido de contestação de certeza científica e exposição do caráter político do documento. Um dos vestígios desse confronto está na SD9, no título da reportagem, quando o site aponta que os Estados Unidos “tentam mais uma vez” responsabilizar chineses pela pandemia. A expressão “mais uma vez”, nesse caso, foca e reforça a recorrência das acusações contra a China, e a forma verbal “tentam” expressa o efeito da contestação, já que *tentar provar* não significa *conseguir provar*.

Ainda, na SD10, o veículo reitera o caráter político do relatório e dá destaque à resposta midiática chinesa diante de suas “conclusões”, que defende a origem do vírus como “questão científica” e não política, demonstrando assim a identificação do veículo com *uma posição-sujeito identificada com a ciência*.

Dessa forma, vemos que, apesar de GM e MA enunciarem em identificação com a ciência, elas fazem isso de formas divergentes. A identificação com a posição científica, do ponto de vista americano que a GM adere, funciona como estratégia para insinuar a responsabilidade da China pela disseminação acidental ou intencional do vírus, reforçando o imaginário da ameaça comunista sobre o mundo; do ponto de vista chinês que a MA também assume, a adesão à ciência funciona como estratégia de defesa do país contra a acusação dos EUA, ao mesmo tempo em que insinua motivação política mal-intencionada dos EUA.

12 EUA tentam mais uma vez culpar a China pela Covid-19. **Brasil 247**, São Paulo, 27 mar. 2023. Disponível em: <https://www.brasil247.com/coronavirus/eua-tentam-mais-uma-vez-culpar-a-china-pela-covid-19-1dk1wohp>. Acesso em: 22 maio. 2023.

Ademais, no recorte da MA, os efeitos de sentido produzidos a partir da *posição-sujeito identificada com a ciência* se confrontam com aqueles produzidos da *posição-sujeito identificada com o anticomunismo*, uma vez que buscam contestar os dados norte-americanos e apontam a incerteza das investigações em questão, conforme expressa a SD12 acerca da insuficiência das acusações dos EUA para culpar a China.

As SDs 11 e 12 destacam ainda que houve um movimento de “modinha” na imprensa para divulgar o relatório dos EUA, num “hype”, sugerindo favorecimento midiático para legitimar os argumentos dos Estados Unidos. Isso demonstra o confronto que se estabelece no site de MA em relação à *posição-sujeito identificada com o anticomunismo* em veículos de outros segmentos.

Assim, de seu *lugar discursivo determinado pelo efeito de militância progressista*, veículos da MA tendem a posicionamentos que defendem a esquerda e mobilizam o espaço de memória político de esquerda. Sendo a China um país de governo comunista, a militância progressista afeta a forma da MA produzir informação sobre o vírus que nele teve sua origem. Logo, diferente da GM e da MC, afetadas por outras determinações ideológicas e discursivas, a MA se alinha às posições pró-China. O funcionamento discursivo nesse sentido, portanto, é de que o vírus teve origem natural, conforme a posição científica dominante.

Um gesto de conclusão

Nas análises do artigo, demonstramos que, mesmo três anos depois de seu início, a pandemia de covid-19 segue sendo um assunto cercado de controvérsias, especialmente em torno da origem do coronavírus. Vimos também que quando essas controvérsias repercutem na imprensa, isso não se dá de

forma aleatória nem unívoca, mas diversa e afetada pelas distintas filiações ideológicas, lugares discursivos e posições-sujeito implicados nas produções jornalísticas em questão, que mobilizam sentidos vindos de variados espaços de memória.

Em relação à origem do coronavírus, identificamos que a China ainda é representada como uma ameaça, enquanto possível responsável pela disseminação do coronavírus, seja de forma intencional ou por negligência. No site da GM, isso ocorre por meio do efeito de certeza do vazamento, sob a aparência de neutralidade; na MC, o efeito também é de certeza do vazamento. Apenas o site da MA desestabiliza os efeitos de culpabilização da China, quando promove efeitos de contestação das acusações contra o país asiático. Assim, GM e MC se identificam com as posições anti-China dos norte-americanos; já a MA se identifica com as posições de defesa da China.

Nosso trabalho, então, demonstra a importância de compreender como o discurso jornalístico é constituído afetado pela ideologia. Não é uma simples mediação técnica dos fatos que ocorre na prática jornalística. Há em jogo de efeitos ideológicos sobre os sentidos que circulam acerca de um determinado assunto.

Diante das análises apresentadas e considerando o relatório do Departamento de energia dos EUA sobre a origem da pandemia, vemos que, na GM e na MC, as formulações se dão pelos efeitos de sentido que colocam o foco principal nas investigações dos EUA e não na inocência da China. Na MA, por outro lado, tais sentidos são confrontados e o relatório é abordado como algo frágil cientificamente e de caráter político.

Dessa forma, na MA, a criação do vírus em laboratório não circula como dado científico, mas falso; logo, o coronavírus surgiu

de modo natural e a China não deve ser culpabilizada. Já na GM, a pandemia pode ter surgido em laboratório; enquanto na MC, além da pandemia ser criação da China, a probabilidade de acidente é um sentido silenciado.

Considerando essas constatações, portanto, compreendemos ser indispensável discutir o fato jornalístico enquanto fato discursivo, entendendo que a produção da informação nas mídias jornalísticas não é neutra, mas reflete os conflitos e embates da luta social e política vigente em nossa formação social. Ademais, cada segmento midiático busca estabilizar como realidade certas versões dos acontecimentos segundo as “lentes” ideológicas que os interpelam. Ou seja: os fatos jornalísticos significam e são significados tendo em vista as posições ideológicas sustentadas - de modo assumido ou velado - por aqueles que os enunciam.

Referências

AQUINO, J. K. S. Reflexos do liberalismo conservador no Brasil. In: MONTEIRO, Átila Brandão *et al* (org.). **Ensaio de Filosofia Brasileira**. Fortaleza: EDUECE, 2021, p. 69-92. Disponível em: <https://www.uece.br/eduece/wp-content/uploads/sites/88/2021/12/Ensaio-de-Filosofia-Brasileira.pdf>. Acesso em 04 jun. 2023.

BECKER, M. L. Mídia alternativa: trajetória, conceitos e experiências. In: WOITOWICZ, Karina Janz (org.). **Recortes da Mídia Alternativa: histórias e memórias da comunicação no Brasil**. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2009.

BIROLI, F.; MIGUEL, L.F. **Notícias em disputa: mídia, democracia e formação de preferências no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2017. Edição do Kindle.

BOTELHO, Maurilio Lima. Destrução econômica mútua assegurada: A escalada das tensões entre EUA e China. **Revista Continentes**. [S.l.], v. 1, n. 20, p. 251-260, out. 2022. ISSN 2317-8825. Disponível em: <https://www.revistacontinentes.com.br/index.php/continentes/article/view/406>. Acesso em: 12 out. 2023.

doi: <https://doi.org/10.51308/continentes.v1i20.406>.

BOURDIEU, Pierre. Sobre a televisão. Seguido de: A influência do jornalismo e Os jogos olímpicos. Tradução: Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997 [1930].

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. Tradução: Vera Lúcia Mello Joscelyne. Revisão de tradução de Isabela Machado de Oliveira Fraga. 2. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017 [2009].

COURTINE, J.-J. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Paulo: EdUFSCar, 2014.

CUNHA, Magali do Nascimento. **Do púlpito às mídias sociais**. Evangélicos na política e o ativismo digital. Curitiba, PR: Appris Editora, 2019.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake News**. Barueri: Faro editorial, 2018.

DELA-SILVA, Silmara. Na mídia, uma pandemia: sobre o discurso midiático em seu funcionamento. In: GALLI, F. C. S.; BIZIAK, J. dos S.; ZOPPI-FONTANA, M. G. (orgs.). **O não-sentido como espaço de (r)existências: Processos de subjetivação na pandemia**. São Carlos: Pedro e João editores, 2020. p. 387-399.

DOWNING, John. D. H. **Mídia Radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2002.

DUARTE, André; CÉSAR, Maria Rita. Notas sobre o neoliberalismo, neoconservadorismo e a crise da democracia brasileira. **Currículo sem Fronteiras**, v. 22, p. 1-18, 2022.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GRIGOLETTO, E. Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito. In: FERREIRA, M. C.; INDURSKY, F. (orgs.). **Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites**. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 123-134.

MACHADO, Arlindo. Apresentação à edição brasileira do livro Mídia Radical. In: DOWNING, John. D. H. **Mídia Radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2002. p. 9-15.

MARCONDES FILHO, Ciro. Comunicação e jornalismo. A saga dos cães perdidos. São Paulo: Hacker editores, 2000.

MARIANI, B. S. C. **O comunismo imaginário: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989)**. 259 f. Tese (Doutorado no Instituto de Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria da comunicação: ideias, conceitos e métodos**. 6. ed. revista e atualizada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas -SP: Pontes Editores, 2001.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni P. Orlandi *et al.* 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995 [1975].

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. *In: ACHARD, P. et al.* (org.). **Papel da memória**. Tradução e introdução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução por Eni P. Orlandi. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2008 [1998].

PERUZO, Círcia M. Krohling. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados: reelaborações no setor. **Revista Palavra Clave**, v. 11, n. 2, p. 367-379, 2008.

PINHEIRO-MACHADO, R.; FREIXO, A. de. (orgs). **Brasil em transe: Bolsonaroismo, Nova Direita e Desdemocratização**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019. Formato: epub.

PRADO, Michele. **Tempestade ideológica**. Bolsonaro, a alt-right e o populismo iliberal no Brasil. São Paulo: Editora Lux, 2021. Formato epub.

ROCHA, Camila. **Menos Marx, mais Mises: o liberalismo e a nova direita no Brasil (2006-2018)**. 2018, Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade de São Paulo, Pós-graduação Ciência Política. 2018.

SODRÉ, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil. São Paulo: Mauad, 1994.

WOITOWICZ, K. J. Por uma outra história da mídia. *In: WOITOWICZ, K. J.* (org.). **Recortes da mídia alternativa: histórias e memórias da comunicação no Brasil**. Ponta Grossa: ED. UEPG, 2009.

Recebido em: 23/10/2023

Aprovado em: 24/11/2023



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.